

A confissão embargada, trazida de descoberto silêncio; a mágoa de querer transmudar a cena em versões inventadas, na inquietude do ser; a busca insaciável para retornar aos tempos vividos; o fracasso da idéia perdida em devaneios; os sonhos desfeitos estampam-se em primitivas roupagens, nuas e cruas. Virgínia navega ideais e aspira posições. Diz: "Posso conquistar um nome" ... "Posso ser tantas versões e não ser nenhuma" ... "ao alcançar da palavra, percorrer o mundo/ ou dele me esconder detrás de tantas janelas"...

A perdida palavra do não se encontrar nas queixas e mágoas: "Uma opressão avoluma-se e ferve meu corpo" ... "Cá fora, a vida trafega a rua" ... "Em vésperas de flores...". Dezenas de idéias formam preciosidades antológicas.

Carmen Schneider
Guimarães

ISBN 978-85-909726-0-0



9 788590 972600

In Min(as) *Memória*

VIRGÍNIA SCHALL



A Virgínia Schall,
Poeta a quem desejo, com carinho
e novíssimo apreço, uma existência
bonita como os sopros de vida que
pude ver e sentir na beleza estética
dos seus poemas

Moacyr Felix, Rio, 17/5/1996

Virgínia Schall,
Que bom que você existe e
cria tanta beleza!
Felicidades,

Stella Leonardos, B.Hte, 27/3/2003.

Virgínia,
Envio-lhe meus sinceros parabéns
pela sua eleição para a Academia
Feminina Mineira de Letras. Penso
que você enriquece a Academia
Feminina Mineira de Letras da mesma
forma que enriqueceria qualquer outra
entidade cultural.

José Afrânio Moreira Duarte.

Comentários do livro
da autora, intitulado:
"Contos de Fatos":

Virgínia Schall nos leva para o
mundo dos cientistas e da ciência, que
é também o da vida e o da sociedade,
através de sua alma de cientista,
poetisa e educadora e da empatia
com seus entrevistados.

*Paulo Gadelha (Médico, pesquisador
titular e Presidente da Fundação
Oswaldo Cruz)*

Raramente um mergulho no "espírito
do tempo" brasileiro resultou numa
Obra tão iluminadora de nossa
realidade, e, ao mesmo tempo, tão
emocionante.

*Moacyr Scliar
Escritor e médico em saúde pública,
membro titular da Academia Brasileira
de Letras*

Virgínia Schall trata seus personagens
com carinho, revela-se meiga no relato
dos casos e poética ao escrever

*Leopoldo de Meis,
Médico, professor titular da UFRJ,
escritor, membro titular da Academia
Brasileira de Ciências de Ciências*

In Min(as)
Memória

Copyright c 2009 by Virgínia Schall

Capa e projeto gráfico
Carlos Jorge

Foto da capa
Rua Santo Antônio (Rua de Cima) - Alvinópolis, na década de 1950.
Reprodução de tela de Marcelo Angelo, de propriedade de Enio Magno
Rodrigues, gentilmente cedida por José Flávio Sá.

Revisão
Virgínia Schall

In Min(as)
Memoria

Virgínia Schall

FICHA CATALOGRÁFICA

S298i	Schall, Virgínia In Min(as) Memoria / Virgínia Schall ; ilustrações Carlos Jorge Nunes . — Belo Horizonte : O Lutador, 2009. 100 p. il. ISBN: 978-85-909726-0-0 1. Poesia brasileira. I. Título. CDU 82-1(81)
-------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Elaborada por Rinaldo de Moura Faria - CRB-6 n° 1006

2009

Para
José Afrânio Moreira Duarte
(in memoriam)

IN MIN(AS) MEMORIA

Estamos diante do papel. Escrever sobre o trabalho de Virgínia Schall é a nossa tarefa. Começamos por buscar forças nos parques recursos de que dispomos. Valem-nos a nossa boa vontade e a energia que emana das palavras da cientista poeta-escritora.

O cerne espiritual da artista paira entremeando versos: homogêneos na beleza e na perseverança de pensamentos maiúsculos. O título já demarca uma colossal altura: IN MIN(AS) MEMORIA.

Por aí seguimos, página a página, com enlevo, a começar pelo poema que dá nome ao livro, um romanceiro de verdades, lembranças, figurações.

A descrição primeira do quadro é ainda a composição do poema. A alma de Virgínia permanece em cada palavra, vigiando todas as idéias, na criação do texto poético.

A vivência supra-realista do argumento trabalhado faz a tessitura do fato lírico: sílabas, vocábulos, versos, estrofes, tudo identificado com arte e beleza.

Nos poemas, os versos caminham descritivos e emocionam pelo apuro das imagens despertadas. Partem serenos e lúcidos, ou vibrantes e acesos, na conformação de pensamentos momentâneos, ou trazidos de memorial saudoso. Atmosfera de alguma sensualidade condensa o imaginário da poeta, enquanto a leveza do pensamento percorre as linhas do fotográfico.

Virgínia Schall tributa magia cultural ao realismo de sua arte poética. E se analisa com modéstia e convicção: *"Onde encontrar-me pura de um instante?"* E se descobre: *"Estou contaminada/ de tantos rascunhos de mim mesma"*. E na beleza da palavra contrita: *"Busco passar-me a limpo e não encontro/ a pena/ o papel/ a tinta/ a escrita"*.

A confissão embargada, trazida de descoberto silêncio; a mágoa de querer transmutar a cena em versões inventadas, na inquietude do ser; a busca insaciável para retornar aos tempos vividos; o fracasso da idéia perdida em devaneios; os sonhos desfeitos estampam-se em primitivas roupagens, nuas e cruas. Virgínia navega ideais e aspira posições. Diz: *"Posso conquistar um nome" ... "Posso ser tantas versões e não ser nenhuma" ... "ao alcançar da palavra, percorrer o mundo/ ou dele me esconder detrás de tantas janelas"...*

A perdida palavra do não se encontrar nas queixas e mágoas: *"Uma opressão avoluma-se e ferve meu corpo" ... "Cá fora, a vida trafega a rua" ... "Em vésperas de flores..."*. Dezenas de idéias formam preciosidades antológicas.

A poeta vive e sorve a vida no espanto de um ser repleto de ânsias e temores. Ela vai buscar exílio no esconso da memória: *"Mergulho no escuro de minhas saudades nuas/ retorno à infância entre fumaças e incenso"*. Com a música, *"que preenche o silêncio rouco da Catedral imensa"*.

Versos de Virgínia comportam grande significado filosófico. Ela sabe temperar a palavra e usar de dosagem certa para argumentos inteligentes. A poeta, por vezes, visa a determinados efeitos, e transcende o plano do registro linear.

A artista exhibe olhares muito especiais. Não é apenas a ótica de um entendimento a respeito de fatos e aspectos da vida. Principia grande parte de seus achados poéticos com o verbo na primeira pessoa: *"Olho/ Vejo o quadro"* ... E ainda: *"Olho/ Vejo o vidro/ Espelho de Min(as)/ Remexendo lembranças/ de sonhos ausentes/ Sombras da infância/ Na face/ disfarçada"*.

A poeta despista o sentir na paisagem fotografada. Diz apenas o que a leva à poesia, mas exclui o cerne da lembrança, a razão e o principal argumento de sua exaltação incontida. Sua palavra é, por vezes, passional, emotiva, humana. Certo erotismo tempera a lírica da poeta exuberante e bela. Virgínia se envolve em névoas e véus para dizer apenas que é mulher sensível.

"Estrangeira", "Destino", "Ida ou Volta", "Silêncio das Catedrais", "Persona", "Solo Noturno", "Silêncio" e tantos títulos mais que nos fazem sentir dificuldades de citá-los. De trabalhos riquíssimos, colhemos estrofes, deste último poema, que dizem:

*Só eu ouço o meu grito
Uivo acorrentado a milênios.
Só eu conheço os meus gemidos
Os meus sussurros de sedução e lascívia
O meu choro engasgado a cada sofrimento.*

*Só eu poderia romper esse silêncio
Essa mudez maquiavélica
Que me cinzela a dor em pedra.*

*Se de palavras e gestos se tecem vidas
Calar faz destinos.*

E Virgínia se cala, na exuberância de sua poesia.

Carmen Schneider Guimarães

Presidente Emérita da Academia Feminina Mineira de Letras.

Índice

In Min(as) Memória	9
Saudade Verde e Amarela	14
Estrangeira	16
Na Sala de Espera	18
Ida ou Volta	19
Destino?	21
Cidade Viva	23
Solo Noturno	25
Silêncio das Catedrais	27
Silêncio	29
Persona	30
Volta e Meia Viver	31
Amigo	32
Gesto	34
Segredos	35
Beijo	36
Evocação Feminina	37
De Olhares	40
Minha Menina	41
Soneto da Revelação	42
Poema por um Amor	43
Retrato Extrato	45
Viagens	46
Sombras	47
Insone	48
Paisagem de uma Dor	49
Vida Rubra	50
Minas de Natal	51
Secretamente	53
Amor em Azul e Branco	55
Sagrado Pão	56
Monograma d'Alma	58
Amor	59
Retratos da Vida	60
Nós	61
Ceia da Vida	62
Hai Kai ao Silêncio	63
Poema enamorado	65
Prece	66

IN MIN(AS) MEMORIA

Olha

Vejo o quadro

E abro memórias

De Min(as)

No retrato antigo

Curo Preto vivo

Vejo a moldura

Madeira lavrada

A mãos operárias

Feridas

Espoliadas

Vejo a moldura

Limite que estreita

As estradas possíveis

Esquadro

Que enquadra

E define

A existência finita

Vejo a moldura

Árvore morta

Veios à mostra

Registro de folhas

Verde escrita

No tempo perdida

Olho
Vejo o vidro
Espelho de Min(as)
Remexendo lembranças
De sonhos ausentes
Sombras da infância
Na face
Disfarçada

Vejo no vidro
O brilho da luz
Luar de neon
No quarto fechado
Flor de cachoeiras
Submersas
Transformadas em frutos
Elettrizados

Vejo no vidro
A imagem da porta
Trancada
As minhas costas
A noite nua
Face oculta
Dos mistérios
Do universo às escuras

Olho
Vejo as pedras
Emergindo
Dos traços e tintas
E perscruto suas arestas
Sob meus pés saudosas

dos caminhos passados
Uma onda de amor
Recobre minhas pálpebras
E meu corpo sozinha
Em arrepio

Vejo as pedras
Penetro seus sulcos
E encontro a promessa
De sementes sufocadas
A espera do tempo
De ontem, de sempre
Relva agreste
Agredida
Aguardando a vida

Vejo as pedras e assisto
À cerimônia do arbítrio
No rastro de correntes
As marcas negras
De pés escravos
Nos passos presos
De corpos mártires
Andarilhos
No encalço
Da liberdade

Olho
Vejo as torres
De igrejas
Pontiagudas
E escuto sinfonias
Que atravessam estrelas

Envolvendo galáxias
Caixas de música
Aprisionada
Comungando esperanças
De eternidade

Vejo as torres
Cumos citadinos
Anunciando segredos
Que os sinos denunciam
E desesperam
Em hora de adeus

Vejo as torres
E suspeito as tramas
De uma história
Erigida por palavras
E intenções
Que escondem essências
Renegadas
De desejos profanos
Sob vestes sagradas

Olho
Vejo o casario
Estruturado, barroco
Desafiando os anos
Enclausurando corpos
E destinos
Em rostos perplexos
Fotografias reveladas
Pelas janelas
Paisagem sedutora

De um jogo binário
Entre o de dentro
E o de fora

Olho
Aqui me encontro
De frente, "nu" quadro
Ser e imagem
Estou lá, estou aqui?
Min(as) em mim
Espelha, miragem?

Poema premiado com o 2º lugar no concurso de poesias da Cia. Vale do Rio Doce,
Rio de Janeiro (1994)

SAUDADE VERDE E AMARELA

*Meu coração em sulco,
Pulsa e umedece as mãos,
Transbordando a infância.
O hino embala lembranças:
“...e o sol da liberdade
em raios fulgidos...”
A tia emocionada se posta na frente da escola solene,
Solene a diretora puxa o coro
E as crianças nem sabem a imensidão do país que cantam.
O Brasil tem sangue nas veias,
O avô batia no peito varonil o orgulho nacional,
Agora, o neto abaixa o olhar na fila do emprego,
Evitando a exposição na imagem cotidiana da TV.
Por quê és tão maltratada?
Terra onde se colhe esperança
E em se plantando tudo dá!
Terra generosa e plural, regada a sol,
Florida em sexo,
Agora mortificada sob tragédias ecológicas e
Desumanas.*

*De onde estou, o hino aquece a fria estação
Do exílio.
Reconheço-me na exposição,
Malícia, mistério, paixão,
Sexo luxuriante no ar das mulatas de Di,
A força heróica dos escravos de Portinari,*

*A síntese cultural no Ovo Urutu de Tarsila.
O ferulhar do pandeiro a quase saltar do quadro
Fere em música o silêncio pétreo do Museu.*

*Eu me ponho em retrato
E visto o Brasil nos olhos
Por outras entrevisto.
A exposição me expõe
E eu me lanço na tela, em lascívia.
Em bamboleio, o quadril ondula,
O negro sorri, a mulata é Capitu:
Olhos oblíquos
Expondo a natureza da mulher nativa.
O Brasil lateja no ventre dourado ao mar,
Repercute no grito de gol
Que parece ecoar da imagem:
Brasil mil, Brasil anil!*

*Distante, na estação fria,
Eu canto o hino como canto a vida.
A solidão povoada de tons
Soluça em sal,
Gotas úmidas ungem as cores vivas
Da cesta de frutas em festa,
Aquarela pintada em meu coração.*

2º lugar no concurso de poesias “Brasil 500 anos”, Juiz de Fora – 7/9/2000
Medalha de Prata

ESTRANGEIRA

*A noite é a mesma em todo um lado do planeta
e nela ocupo um lugar único
personagem entre tantos a compor a cena humana
sob o foco de luz de uma sala comum.
Nada há por sofrer, nada é urgente
os meus estão bem e eu aparento realizada
o cão me olha sereno por sobre o tapete
a filha organiza retratos na gaveta
a música encanta o ar fresco entre buganvílias rubras
de minha varanda camarote aberto para o mundo
descortino cintilâncias a tremular nas águas noturnas da
lagoa.*

*A noite é límpida e eu, lícida
espreito a vida e escrevo
para entender d'onde vem tanta melancolia
de quem deveria estar a fruir esta harmonia
mas se debate trôpega à procura
tão plena de desejos e perguntas
disfarçando o coração inquieto
que teima em viajar por ontens e futuros.
Absorta em sonhos e platônicos amores
adentro atmosferas e penumbras
aspiro perfumes de outras eras
prenúncio de cálidos encontros.*

*Oh vida que escorre pelo dia
prestes a concluir-se para sempre
nunca mais será hoje outra vez
disso eu sei tão quanto aqui estou*

*e no entanto, esbanjo o presente
viajante estrangeira do meu próprio momento.
Haverá um tempo em que a memória dessa cena
será saudade e tristeza
por não tê-la vivido por inteiro.*

NA SALA DE ESPERA

*Eu tomo a água
como quem bebe a vida
na sala de espera.
A sala nua, estreita
... o tempo infinito.*

*Assim posso estar sempre
quieta e sozinha.
Trago comigo
uma felicidade intensa
um amor imenso.
Quem me faz esperar
nem imagina
quão sublime é cada instante.*

*A emoção lateja
a lembrança pulsa
encanta-me existir.
Voraz é o desejo
de estar presente
de apenas ser.*

*A sala, fria e nua
Eu, em calor e vida
Pulsa livre.*

IDA OU VOLTA

*Antes de partir
Já estou partida,
Fendida em sentimentos e paisagens.
Meus olhos ainda aqui
Parecem em retorno
E derramam saudade em cada objeto.
Não sei estar nem ser presente:
Amálgama de antes a derramar-se sobre o agora,
Colagem de cenas, de rostos amados, de cheiros e atmosferas.
Como ausentar-me do passado?
Como desfazer-me desta melancolia fluida
que lava permanentemente
minha alma?
Onde encontrar-me pura de um instante?
Não me sei verdadeira, estou contaminada
de tantos outros
e de tantos rascunhos de mim mesma!*

*Busco passar-me a limpo e não encontro
a pena, o papel, a tinta, a letra,
a escrita.*

*Tudo é provisório,
Esboços e cópias lançados fora a cada minuto vivido,
Imagem passageira em cena volátil.
O tempo, tela abstrata de muitos eus sucessivos,
De encontros e desencontros, de tentativas.
O tempo, que me muda e transmuda,
Me leva em viagem, me traga e me lança.
Assim, neste momento, sigo o fluxo:*

*Em ida ou volta?
Colhida na incerteza, deixa-me ir,
Sem saber se estou em retorno
Ou no começo de um novo caminho.
O que não posso é parar,
Em movimento vivo e revivo:
sofro e me encanto,
Existo.*

DESTINO ?

*Pela porta aberta
Procuro lá fora a compreensão
Que amanse tantos desejos desnorreados
E me encontro estrangeira nesta sala
Tão minha
Em que cada objeto cheira à minha mão.*

*Posso ser tantas versões e não ser nenhuma:
De um salto sem rumo, não ser nada.
Ao alçar da palavra, percorrer o mundo
Ou dele me esconder detrás de tantas janelas.
Posso dançar nua e ser mulher da vida
Ou vestir um hábito e ajoelhar no chão sagrado:
Ave Maria, cheia de graça, estarei salva?*

*Ou estarei plena, num ato de coragem
Ao declarar um amor guardado
E em questão de segundos, ser feliz
Ou calar e apenas ser.*

*Posso conquistar um nome,
No livro inacabado há vinte anos
Ao vestir a saia prequeada, retomar a pena
E mudar a minha história
À espera no banco da escola.
Posso ir e vir, voltar à infância
E navegar incertos futuros
Ou nada querer e desobedecer a mim.*

*Mas, uma certa voz me chama,
Me ordena desde sempre
Condenando-me ao silêncio e à quietude
Como se a vida em suspenso se congelasse.
E então permaneço, ou em sobras me deixo.
Na sombra
Retomo a vassoura e vou varrendo o sonho
Enquanto reíno a poeira que desce sobre o cotidiano.*

CIDADE VIVA

Ao Rio de Janeiro

*Nessas manhãs plenas, nessas minhas manhãs de dentro
fico a interrogar a vida, e interrogo a cidade
como uma velha paisagem esmaecendo em fotografia de
sonho
a cidade assim, vista de cima, entre a floresta, o mar e as
montanhas
queria rasgá-la em vôo como um pássaro branco
numa viagem ancestral anterior ao homem*

*E para além de mim, compreender o mistério da beleza
esculpida em silêncio como à espera
de olhos que vindos de outros mares, aqui se encantaram
e ao correr dos séculos tecem sobre ela, novas mantos*

*Nessas manhãs, estando assim, presa de segredos
indizíveis
imersa neste cenário, tremula de êxtase e desejo
quero abrir em mim uma imensa porta
e adentrar a vida que essa cidade pulsa
roçar minha pele em suas linhas sinuosas
lamber o sal de seu halo sereno, embaçando seu contorno
penetrar seus portos, suas salas, túneis e praias
decifrar momentos e encontros de amor e encanto*

*Nessas minhas manhãs, sacio a sede de ver para além de tudo
em uma inexplicável leveza nascida dessa sua imagem viva
e comungo minha alma num mergulho, em suas águas me
plasma ao universo.*

SOLO NOTURNO

*Abro a porta da casa,
Escura,
O manto do sono recobre a vida
Que pulsa quente no movimento único
Da cena:
A troca de passos em pontas de pés,
Sussurros invadindo o silêncio sacralizado
Do lar que dorme.*

*Fecho a porta, deixo suspenso o mundo lá fora,
A chave na mão,
A fechadura em mim.*

*Caminho pelo corredor e não sei quem sou,
Estou aqui, final de século e milênio,
Carregando questões desde muito antes de Sócrates
E todas elas pulsam vermelhas, acorrentadas
Na sombra do teto sem lua:
Não saber é abrir-se a todas as possibilidades?
Ou trancafiar-se à inconsciência do existir?*

*Uma opressão avoluma-se e ferve meu corpo,
Então, abro a janela
E a noite sopra carícias em minha face tensa.
No correr do vidro que a mão liberta,
O mundo retorna à casa.*

*Lá fora, a vida trafega a rua,
Brilha nas luzes de bares e edifícios,
Vibra na mistura de vozes*

Dos amantes e bêbados da madrugada.

*Vida que se prepara orvalhada,
Em vésperas de flores
que abrirão com a manhã.
Vida, que freme nas telejanelas piscando azuladas,
Ecoa em violas, acordeons e atabaques
Dos últimos músicos andarilhos.
Lateja em abraços, viceja em beijos
E renasce de corpos ardentes e entumecidos.*

*Saciada, devagar deslizo a janela de volta
E colo minha face rubra ao vidro gélido.
Agora aspiro o aroma da vida em mim,
As questões ficaram aprisionadas no corredor,
No minuto passado.*

*Me reencontro e me revivo no incenso de carícias sentidas,
Na essência do amor entrevisto em fresta,
Um dia,
Brindando em mim, infinito, a nobreza de ser,
De não precisar saber,
Calando perguntas e borbulhando em festa
O presente.*

*Agora, apenas sou e sinto.
Na janela recolho o espanto
E por dentro grito:
Existo!*

Primeiro lugar no concurso de poesias da Academia Feminina Mineira de Letras (AFEMIL)
de Minas Gerais, 2000

SILÊNCIO DAS CATEDRAIS

*Um planeta gira às escuras no universo,
E nele, sou milionésima sombra
sacralizada no silêncio da catedral.
Súbito a música, um coral diáfano
ilumina minha presença em êxtase,
torno-me existente, concebo-me,
solitária em meio à multidão imóvel.*

*Musiacordada,
vibro e viajo em tons, em sons, em afeições,
perambulo lembranças,
evocações sonoras a exalar sentimentos enovelados.
Mergulho no escuro de minhas saudades nuas,
retorno à infância entre fumaça e incenso
e reavivo mistérios das pequenas igrejas de minha cidade
natal.
A música, intensa, serena, sublime,
preenche o silêncio rouco da catedral imensa,
desliza suave no ritmo mágico de mãos,
o regente desenha em gestos a melodia
que ecoa perene, trazendo a minha voz de menina anjo,
o gosto das amêndoas doces das quermesses,
o frio cálido das abençoadas festas de maio
e o toque terno da calejada mão de minha vó
não mais presente.*

*A catedral sempre foi inesperada
entre o esplendor de alturas, tal abóbadas celestes,
e da fé, iluminura sacra de faces anônimas.
Por dentro dela viajo como se em nave transcendente,
tocha de luz, cometa, na cauda da música a espiralar-se,
nela meu coração silencioso abre-se em asas de desejo
ao descobrir-me viva, em arrepio, no solstício sonoro,
no vendaval que arrasta estrelas céu afora
em suspiro de flauta,
pássaros em cio, madrigal renascentista,
perfume noturno que na catedral celebra a vida
e poliniza o infinito.*

*Enterneçada, viajo na música alada.
Existir é um prelúdio sinfônico,
minha manhã será dourada!*

SILÊNCIO

*Só eu ouço o meu grito
vivo acorrentado a milênios.
Só eu conheço os meus gemidos
os meus sussurros de sedução e lascívia
o meu choro engasgado a cada sofrimento.*

*Só eu poderia romper esse silêncio
essa mudez maquiavélica
que me cinzela a dor em pedra*

*Se de palavras e gestos se tecem vidas
Calar faz destinos.*

PERSONA

*Minha alma feminina
é tão antiga
como o cheiro da terra
que a chuva molha
perfume milenar
essência almiscarada
que em muito mais de mil noites
arde à espera.*

VOLTA E MEIA VIVER

*Na tarde morna colho o rosto da vó ausente
Entre girassóis amarelos do vaso sobre a mesa
o porta-retrato evoca a tragédia
poente da vida
revivida nas cores de Van Gogh.*

*Do retrato vagueio à janela, viajo no tempo
Dos girassóis passo às laranjas
e em cores de por-de-sol entardeço lembranças.
Revisito a fazenda e da varanda
aspiro o sumo do destino
imersa no cenário perdido
cujo sentido era sua presença.*

*A tarde prossegue obedecendo o presente:
roncos de motores, serras trabalhando
tilintar de talheres, mesas se preparando
vozes ocupadas, telefones.*

*É preciso entrar em cena
repetir o espetáculo cotidiano
da vida que exige ser cumprida.*

*Calo as palavras
embrulho as memórias
Onde recolher o espanto
ante a ordem imposta
ante a impossibilidade
de permanência?*

AMIGO

*Amigo
aqui continuo
a abrir os dias
quais janelas d'onde vão
e reencontro
minha face lúcida
por onde a vida
corre púrpura
latejando desejos
povoando de sonhos
as estrelas.*

*Caro amigo
nesses sonhos
(virtuais ou verdadeiros?)
vou inteira
me repartindo
em lembranças
e recompanha
no ontem de sua voz serena
a emoção de ouvir
dos meus versos tão simples
suas palavras sonoras, espumas
a banharem-se de épica grandeza.*

*Na poesia, o nasso encontro
teceu flores, esculpiu estrelas
e fez das noites
oceanos de ternura
onde até mesmo o silêncio*

*germinou sentidos
e um sentimento profundo
que seguirá perene
iluminando a vida.*

GESTO

*Da mão ergueu-se o homem
cidadão alado de um universo infinito.*

*Da mão, ergueram-se cidades
salpicando de estrelas o chão do planeta.*

*Da mão ergueu-se a casa, fez-se o túmulo
e os sonhos em prenúncio.*

*Na sala, a mão é arte
sobre a superfície lisa do vidro da mesa pós-moderna
onde as rosas recém colhidas recriam a vida
no vaso que ontem foi barro
hoje retr'ato silencioso
da civilização.*

*Na estante, a mão se exprime
Encerrada em silêncio sob capas de tantos livros
Natureza e razão em palavras impressas
No papel que ontem foi árvore
Hoje significado e história
De um ser em construção.*

*Um ser que espreita e pergunta:
A mão esculpe a origem?
De sua concha, escorre em lava a consciência.*

SEGREDOS

*D'onde veio a vida
a cavalgar esferas
a espiralar-se em galáxias
retorcendo-se em hélices?*

*D'onde sua memória
no eco sussurrado das ondas
nas odes sonoras das conchas
murmúrios ancestrais da existência
a borbulhar por entre espumas
na cristalina taça oceânica?*

*D'onde o misterioso rumor
de marés e corações pulsando
a embalar em sonho e sono
o silêncio oculto de um momento
a despertar-se súbito do nada?*

*Vida, que chega e sopra
suspira, se esconde e se revela
em entranhas secretas
concêntricas
completas.*

*Vida que em mim se indaga
e a par de tanto mistério, soberana
se emociona.*

BEIJO

*Sua boca
uva rubra
roça meus lábios
e por segundos
somos murmúrios úmidos
seiva cósmica
de línguas
púrpuras*

EVOCAÇÃO FEMININA

*Minha voz
rasga véus
cortinas
de dentro
de sempre
desfaz penumbras
e acorda
Bárbaras, Cecílias, Stellas
Henriquetas, Heliodoras.*

*E suas vozes
em minhas palavras
alteiam
celebram encontros
de amores tantos
salpicam sândalos
no ar.*

*Sagas passadas
chagas em sangue
vertem
e vibram
amantes perenes
somos todas
onipresentes.*

*Minhas mãos
tão femininas
mãos de mulher
madura, menina*

sonham
acariciam ternas
lúcidas lembranças
pedaços de dias
franjas de ausências
melancolias
Em suas palmas
conchas
de lágrimas oceânicas
verdejam prantos
horas molhadas
de sofrimento
surdas, caladas.

O silêncio da solidão
é memória
reverbera
fantasias, ilusões
onde desaguar
como abraçar
tamanho paixão?

Mãos entrelaçadas
tecem séculos
em teia
de fios farpados
prisão de anjos
eternizados
Somos etéreas
flores fugazes
pirilampos da vida
pela vida
alinhavadas.

Assim evoca
Bárbara, Cecília, Stella
Henriqueta, Heliadora
cantemos juntas
à nossa felicidade
brindemos uníssonas
à nossa liberdade!

Premiado no concurso da Academia Feminina Mineira de Letras (AFEMIL), 1998.

DE OLHARES

*Eu olho a rosa amarela
botão de luz
a colorir o meio-dia.
Cruzando o meu olhar
olhos antigos voltam
serenos
absortos no jardim.
Do passado
a imagem sépia
da vó ausente
reaviva-se em mim.*

*Eu olho a rosa amarela
e prevejo
um dia distante
que em olhar de filha
estarei presente.
Não serei mais eu
mas o meu encantamento
pois feliz em ser
e passageira
bem sei
estamos todos*

VVVOS

*na sucessão de olhares
que certa hora param
e comungam a vida.*

MINHA MENINA

*Eu olho pra você e embevecida
quero reter eterno este retrato terno,
esta meiguice pura de seu rosto luminosa,
sentadinha assim no sofá,
pernas cruzadas
a trançar, despentear e pentear tantas bonecas.
Cá do meu canto,
te olhando de esquelha,
queria estar assim para sempre,
apenas tela de sua imagem
usufruindo a plenitude deste amor
que faz deste minuto,
deste lugar, desta tarde,
o cenário perene
da perfeição de um encontro
entre almas serenas,
secreto tesouro que em mim trazia,
hoje presente:
Ah, como te amo minha filha!*

SONETO DA REVELAÇÃO

*Na rosto me esconda
Nas olhos me disfarça
No espelho me engano
Sabe lá onde me encontro?*

*Se rabisco um traço
Ou arrisco um desabafo
nem assim me desfaço
Preso feito nó e laço*

*Em sonho me veja esboço
Corro atenta e não me alcanço
Não me olho, nem me ouço*

*Mas eis que surja no espaço
De teu semblante me olhando
Em ti me mostro, me gosto, sou e faço.*

Menção honrosa no concurso de poesias da Cia. Vale do Rio Doce (1994)

POEMA POR UM AMOR

*Pouso meu olhar
vão rasante
sobre a noite
e aferto meu ser
às estrelas
a brisa tênue
toca minha face
efêmera
e colhe cálida
o meu amor
eterno*

*Sou inteira flor
meus lábios
pétalas
desabrocham beijos
na imagem ausente
de sua boca
terna
meu desejo
perfume
exala em orgasmo
a memória
de teu corpo
entluarado*

*Calo meu olhar
e guardo a noite
por dentro
sonho:
enfim te encontro.*

Poema selecionado em concurso e publicado na coletânea "Por um poema de amor", da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro (1995).

RETRATO EXTRATO

*Adentro minha face no espelho
Paisagem de sonho, fantasia
Miragem do dia a dia
Realidade vazia
Onde a verdade?*

*A milênios assim me retrato:
No espaço dos meus olhos, apenas
O traço externo de minha face
Fotógrafo*

*A milênios assim me refrato:
Na expressão do meu olhar
A revelação do que eu não vejo,
Projeto*

*O semblante sem retoque, nas retinas
Estraçalho
Penetro meu rosto por entre os cacos
No caleidoscópio das pupilas
O avesso de minha face
Transparece
Afago a imagem
Afago o ego*

Um eco: estou liberta

Menção Honrosa no Concurso de Poesias da Academia de Letras de Araguaari - 1980

VIAGENS

*Lampiões cruzam o meu caminho.
Lamparinas a querosene flamejam
Acendendo janelas coloniais.
Labaredas de beira de fogão
Incendeiam vulcões de lembranças,
Acordando vozes e histórias antigas.*

*Distante do meu mundo,
O velho táxi londrino carrega meu corpo,
Porém, minha alma vai em lombo de burro,
Trotando poeira na subida do Monte,
Em Minas.*

*Há poeira alta cá dentro,
Há fog e chuva fina em South Kensington.
Meu vão é interior,
Meu coração não remove as montanhas
Mineiras, rochas minerais, entranhas
Emparedando meu desejo.
Esqueço meus deveres,
Interrompo a viagem de fora
E sossego minha solidão num café.*

SOMBRAS

*A noite se anuncia
E as árvores em silhueta recortam a lagoa
Pontilhada de sombras e líquidas luzes ondulantes
Em sombras rostos no escuro se procuram
E eu desuendo meus desencontros
Nas quadras os corpos dos jogadores são linhas em dança
A bola risca o céu
E desejos arriscam-se em mim
Em sombras passeiam os gatos sobre os telhados
E se misturam invisíveis à fumaça saborosa das cozinhas
E ao veneno das chaminés
Sombras azuladas recortam o desenho do Morro Dois
Irmãos
E a floresta tingida de negro fica encantada ao sopro do
vento
Um pássaro mergulha na escuridão, prata da lua nas asas
Nas sombras submerge meu instante
De longe ressurgem vultos antigos
A melancolia se alastra dentro de mim
Esta penumbra não há como iluminar.*

INSONE

*Paredes me cercam,
Imagens do outro lado do mundo
Jorram sobre mim.
A TV reina no lamuriento final de domingo,
A segunda-feira é um prenúncio amargo na sombra lá
fora.
Cá dentro, o abajur incendeia de luz a sala
E salpica de estrelas os copos de cristal sobre a mesa:
Memórias do dia ido.
Mármares desenharam peitoris e estátuas,
O terraço em boca entreaberta engole a noite
Desnudando folhagens.
Mavioso é o trinado dos grilos,
Que, como quizes, encantam a floresta.
A hora é de dormir, a cidade ressona
E eu, acendo sonhos.*

PAISAGEM DE UMA DOR

*Amor que em ausência
deixa lastros
e se inscreve no semblante da paisagem.*

*A lua encobriu-se,
as estrelas fugiram
da noite londrina, fria e triste.*

*Em mim, a dor matiza a vida
entrecortada por gotas de chuva,
traços a pontilhar o céu da rua embaçada
e o céu de minh'alma, amálgama de sonhos
a se esboçar na cena tremula,
por detrás das múltiplas janelas sobrepostas:
olhos, pálpebras, parapeitos, vidros, cortinas,
molduras de dentro e de fora,
escondem, revelam, minha dor nua
na penumbra londrina,
no impacto da vida,
à espera, sozinha,
ardendo desejos, a espiar esquinas,
tecendo atos e sentidos, esvaindo-se,
tal uma peça sendo escrita
e perdida.*

South Kensington, Londres, dezembro 1994

VIDA RUBRA

*Alva tarde
no céu de Stratford
entrecortada de frio
doce hálito
de um inverno cálido.*

*Tal como em conto de fada
veja brotar o sangue rubro
gota de vida talhada em fio
no espinho
da rosa anônima
no jardim da casa
onde nasceu Shakespeare.*

*A casa tosca
transpõe séculos
abrindo os anos
como fotografia viva
do passado.*

*Multidões de passos
rangem no assoalho
gerações a gerações
corpos passageiros
mentes que guardam
nas cenas da vida
o teatro cotidiano
de dramas anônimos
inscritos na história
entre histórias não escritas.*

Stratford-upon-Avon, dezembro 1994

MINAS DE NATAL

Minas nasceu assim:

*Tesouro entranhado sob o recorte montanhoso
A luz se fez ouro por debaixo de seu manto
E a água teceu fios, matizes de teias, véus de seda congelados
Engendrando gemas de pedra, chão de arco-íris cristalizado
Entre verdes vales, cordilheiras e cascatas.*

Minas renasceu assim:

*Prenúncio engalanado de barrocos traços
Pela arte humana cinzelada
Como tela rara
Singrando céus em linhas sobrepostas
de torres e telhados.
Prelúdio de vidas entrelaçadas
Ao ouro, que recobriu de fé altares e amores
E às palavras, que esculpiram hinos e poemas
Geminadas à música, sublime e rara.*

A gente de Minas nasceu assim:

*Talhada em ferro e amansada em fé
Retrato entrevisto na voz de seus múltiplos poetas
E em sua música, incenso de entranhas da terra
Som galáctica, viva do universo
Que das igrejas voa ao mais alto
Ecoando no infinito, elevando-se em mito
Um misto de cristal da terra e cristal da vida.*

*No Natal, Minas canta em voz de coro de crianças
Evocando a imagem de um outro menino
Que parece aqui nascido
Seu gesto solidário,
Herdado por sua gente, transparece
Um encontro do tesouro da terra com o tesouro d'alma.*

SECRETAMENTE

*Seus olhos estão perigosamente dentro
de mim
aqui fizeram morada
e estão como Deus
em toda parte
se interpondo
entre a paisagem mais próxima
entre a fresta de luz e a imagem
tangenciando meu olhar
que não sabe olhar puro
que se trai a cada segundo.*

*Seus olhos estão perigosamente pousados
sobre mim
como borboleta em flor
cobrindo minha pele em ternura
suaves como seda
a farfalhar sobre os poros
e os pelos.
Luzes que incendeiam
em sublime música
meu corpo aceso em sede.
Sombras sobre minha noite
embalam meu sono
devassando meus sonhos
onde secretamente me assombram
estando fora e sendo dentro
espelhos de amor intenso*

*e imenso.
Nossos olhos estão perigosamente
em comunhão
a despeito da separação
que a vida nos impõe.
E nossas vidas
sob risco
entre sermos felizes
ou tristes
e nossos destinos
por um triz
entre sucessos
e desatinos.
Secretamente
espreitamos-nos
como caminhos
à beira
de atraentes abismos.*

AMOR EM AZUL E BRANCO

Puerto Varas (20-1-97)

*Nuvens brancas
espumas flutuando os andes
Branças geleiras
pinceladas impressionistas
descendo sobre os cimos
do Ozorno
Branco em flor
campo de margaridas
ondulando ao vento
Branco-amor
esvoaça em lençóis e cortinas
desnudando os corpos no quarto
rúseos, ardentes, úmidas e unguidos
Branco enevoado do ar
cheiro do encontro que exala
e enche a casa de sêmen-vida
perfumando a brisa que o espalha
por entre as ondas suaves
do marinho Pacífico
ornando a cena, túrgido e cingido
ao azul celeste da Terra em cio.*

SAGRADO PÃO

*Todos os dias igualmente
Me ponho à mesa
Para saciar a Vida,
Mas é como se a Vida nunca se saciasse,
Nem o corpo, unguido em água, regado a pão,
Nem minh'alma, entranha mística, inteira questão;
Pois a Vida, voraz, pergunta,
E no espaço do ventre, não há resposta,
Há renascer da Vida.
No labirinto do corpo escondem-se mistérios,
Gozos, martírios, sonhos e sentimentos,
Viajando em sangue, que apenas veículo, arde desejos
E incendeia fantasias de eras antigas e futuros distantes.*

*O sangue circula o corpo rememorando mundos;
O sangue reclama o pão mas não sossega,
Porque a alma flui e reflui incendiando idéias.
A alma, que à frente do pão não vê alimento, pensa,
E pensando, viaja pelo tempo, flutua sozinha,
Passeia por atalhos em busca de compreensão.*

*O sangue, vermelho vivo, natural,
Argamassa arquitetada em água e pão
A nutrir a escultura que a Vida desenha em mim:
Vaso quebradiça a sonhar eternidade,
Olhando triste o sol imenso, girassol da tarde,
Arrematando mais um dia na sombra do horizonte.*

*E à mesa retorno, sendo corpo, sou sangue, sou água, sou
pão,
Pão sagrado, pão que somos todos e em que todos nos
fizemos,
Pão que é pura natureza no encontro da terra com a humana
mão.*

MONOGRAMA D'ALMA

*O chapéu roto
Sobre a espaldar tosca
Da janela antiga
Esculpe saudade
A cabeça conformada
Na curva da palha
É memória do dono
Distante
Pó estelar na tarde*

AMOR

*Saibas ler o que o mudo amor escreve,
Que o fino amor ouvir com os olhos deve.*

Shakespeare

*Vasto amor que antigo se repete
Ilimitado e pleno, sábio interprete
De corações atemporais, puro delírio
Ordenando-se à vida. Por vezes, martírio
Rondando horas e almas errantes
Perdidas na solidão, estrelas cadentes
Buscando sonhos de dias inteiros
Entregues, como flores em canteiros
Luz de lábios se dando em canto
Corpos entrelaçados, gozo, encanto
Amor que aprisiona e liberta
E sabe a mútua entrega ser incerta*

*Nada, ninguém alcança a plenitude
A menos que o outro coração o escute.*

RETRATOS DA VIDA

*A superfície da água
freme
aa leve sopra do vento
partículas sólidas
bóiam em círculos concêntricos
dançantes, em rotas elípticas
vão se espalhando
até esgotarem a última centelha
da energia que as agita.*

*No céu
gaiotas em vôo
giram entremeando-se em laços
repetindo no ar elípticos desenhos
memória da matéria
na vida retratada
em bilhões e bilhões de anos
da escrita cinética
em gens gravada.*

NÓS

*Eu sou
Tu és
Somos, desejos unos
Volúpia de sonhos
Anseios de mundos.
Quando sós, cada um
Passageiro
Anônimo.*

*Nós somos
O mundo sonhado
Desejo em chamas
Personagens.
Juntos
Pura essência
Sublimes
Perenes.*

*Deixemos cair em tentação
Nossas mãos
Nossos olhos
Coração*

*Nossos corpos
Ungidos de amor:
Salvação!*

CEIA DA VIDA

*Em todos os lugares
mesas estão sendo postas
candelabros de prata
talheres art nouveau
jogo americano
ou sobre a tábua fria
um prato de ágata.*

*Em todos os lugares
corpos e almas famintas
se preparam, se encontram
para a ceia do dia.*

*Em todas as memórias
olhares e cheiros
acordes de sabores
se mesclam no espelho
caleidoscópico da lembrança
evocando o aconchego
dos banquetes da vida.*

*Como conceber
famílias sem teto
crianças na rua
sem direito ao aroma
da hora do encontro
à mesa de cada dia?*

HAI KAI AO SILÊNCIO

*O silêncio é fala
que em vôo canta, cala
a sonhada vida.*

*O silêncio é fogo
de amor em chama
na vida traída.*

*O silêncio é luz
decifrando enigmas
da vida escrita.*

*O silêncio é sombra
esconde ilusões e dor
da vida ferida.*

*O silêncio é ruína
encobre sementes, idéias
da vida desejada.*

*O silêncio é hora
demarca limites, metáfora
da vida negada.*

*O silêncio é medo
paralisa abraços, congela
a amada vida.*

*O silêncio é escuro
nas noites insones e frias,
desesperada vida.*

*O silêncio é tudo
quando tudo muda e cala
calando a vida.*

POEMA ENAMORADO

*Meu amor em minhas palavras
Se entrelaça
Sonoras estrelas
Em meu corpo incendiado*

*Meu amor em minha poesia
Se derrama vermelha
Rubra chama
Que a ti clama*

*Meu amor em meus poéticos versos
Pereniza o mundo
Promessa imensa
Em tua ausência*

*Meu amor nessas palavras tão minhas
Evoca o eco de tuas palavras
Espelho mudo
De vidas irmanadas*

*A este amor declamo
Sussurros de minha voz
Em teu silêncio
Sacralizada*

*Se teu amor se faz palavra
Em nosso encontro de olhares
Minha poesia explode em vida
Aflora em alma
E o universo
Útero
Enamorado
Nos enlaça.*

PRECE

*Não deixe que a melancolia
Do ano que acaba
Seja maior que a alegria
Do ano que começa.
Não procure certezas
Ou sentimentos puros
O momento é de tormenta
Pelo encontro demarcado
Entre a vida que foi
E a vida que virá.
Há dúvidas no ar
Há sopros de desejos
Há planos demais.
Não deixe que os planos
Sejam maiores do que
VOCÊ:
Você em sua incerteza
Em sua inesperada descoberta
Você em seu esplendor
De perguntas
Incógnita viva
A perambular pelas auroras
Seiva galáctica
Pulso de estrelas
Minúsculo ponto a pensar
A abstrair a imensidão
De um universo eterno
Teorema ímpar
Que não cogita
O verbo acabar
Vai, viva a plenitude*

*De seu momento ínfimo
Mas infinito
E brinde o Novo Ano
Em cálice de aromas
Amarosos
Tal fênix
A sempre recomeçar*



Da esquerda para a direita: Livia Paulini, Presidente Emérita da Academia Feminina Mineira de Letras, Virgínia Schall, Antônia Rodrigues Sá, Presidente da Academia Feminina Mineira de Letras, Murilo Badaró, Presidente da Academia Mineira de Letras.
Belo Horizonte, 2006 (posse da diretoria da AFEMIL, Sede do Rotary Club, Centro, Belo Horizonte)

Saudação da Acadêmica Livia Paulini na posse de Virgínia Schall na Academia Feminina Mineira de Letras

O perfil humanístico e lírico de Virgínia Schall e sua personalidade

Livia Paulini
Presidente Emérita da AFEMIL

Cumprimento a Presidente Elizabeth Rennó, nossas Presidentes Eméritas, as Confreiras, as autoridades presentes, a neoacadêmica e os membros da sua família, seu marido e seus filhos. Minhas Senhoras, Meus Senhores!

Em ocasião como esta, na entrada de uma nova acadêmica nesta nobre entidade cultural, devemos refletir sobre o conceito de uma Academia de Letras. A idéia original platônica era uma agremiação para veneração das musas, especialmente a da filosofia, mas o público, tendo passado por processos comoventes e libertado das dependências dos cultos rituais, atribui-lhe

Belo Horizonte, setembro de 2003

poderes superiores, tais como, a criação de uma nova comunidade ou de um mundo iluminado que fascinava as pessoas por milênios. Se o pensamento grego da antiguidade seria válido ou não ainda hoje, Marguerite Yourcenar, numa de suas obras, levantou a questão, na inevitável procura das respostas para os mesmos problemas dos filósofos e seus antecessores. E ainda, se o tempo e a distância poderiam mudar ou não os preconceitos? Yourcenar, defendia a idéia de analisar a atualidade das antigas e das novas criações intelectuais, pois queria dar prioridade à fraternidade humana nelas expressa.

Admitimos que a filosofia platônica representou o idealismo livre; o cristianismo enobreceu nele a heróica solidariedade; a beleza e a arte de viver surgiu na Renascença; os mais belos dramas nasceram com Shakespeare; lendas, histórias, poesias ligaram Goethe, Huxley, Allan Poe, Proust, Flaubert, Kafka e Tagore.

Assim chegamos até o século XXI, cujos poetas e pensadores continuam enfrentando “a mística esfinge” e procuram, incansavelmente decifrar os seus enigmas. O homem fundamentalmente não se modificou no decorrer da história milenar, mas muito, ao seu redor, e desenvolveu o seu mundo físico e abstrato que influi no conceito primordial da avaliação. Com esse respeito, a emoção poética ganha importância, pois estimula os impulsos sensoriais da mente e impressiona o público, faminto por mudanças.

É gratificante desfrutar tais comoções na poesia de Henriqueta Lisbôa, a grande amiga iluminada e iluminadora. Ela, no poema “As Idéias e as Cousas” em que a interpretação poética evidenciada a condição humana, escreveu o seguinte:

“Antes do esboço da alvorada
as idéias como que prenunciam as cousas.
Porém as cousas já se arvoraram no invisível
mesmo às cegas...!”

Nessa estrofe ela favorece a existência de vida na comunicação, seja pelo pressentimento, seja pela lógica. Ela acorda o além de nós, no invisível e cria uma atitude emotiva pela expressão “às cegas”. Sugere com a palavra alvorada, uma possibilidade evolutiva para o mistério dos acontecimentos futuros, mas concede que as raízes das coisas cresçam fora de nós em outras dimensões.

Essa breve exposição do simbolismo de Henriqueta estabelece a relação entre o passado e o futuro e reforça a constante busca de conhecimento de si e da sociedade humana.

Se meus pensamentos mereciam por mim, serem desviados do objetivo central de hoje, fiz isto em favor da demonstração da linha de evolução aplicável às obras de Virgínia e sua relação com a nossa entidade, percebendo que sua poesia fecha o círculo em torno do destino humano discutido.

Nos satisfaz a constatação de que sem academias de letras e de ciências e sem seus debates, a cultura do povo seria mais pobre. É verdade que qualquer associação humana, na sua criação, parece apelar inevitavelmente a uma condição harmoniosa imaginária, produzindo planos, expandindo-se numa laboração fraternal. No campo da literatura, a afirmação das idéias e as realizações poéticas mais elaboradas fascinam o público dos eventos culturais tanto quanto os próprios apresentadores.

Temos o prazer de registrar aqui e agora, um histó-

rico período em Minas, quando a Academia Feminina Mineira de Letras existia ainda no “anonimato”, bem antes da sua fundação oficial. Fato que anteviu o nosso interesse e preparo pelas artes. Em volta da mesa da Embaixatriz Maria Pilar Trigo Barbosa, hoje membro correspondente em nossa Academia, ou na sala pequena e aconchegada de Henriqueta Lisbôa, no terraço de Yeda Prates Bernis, ou no ateliê de Conceição Piló, no meu jardim ou na casa de Maria Bolivar, o mito da mulher poeta estava sempre presente e vibrante, fiel à convocação espiritual. Foram oportunidades, por excelência que escaparam da monotonia de “casa, criança, criada”. Lá, em clima ameno, prosperaram as virtudes artísticas, a natureza lírica e onde, em ambiente fecundo, inovador, cultivamos as artes de declamar, poetar, desenhar e cantar, dando significativo relevo às criações individuais culturais. Às vezes pareciam rezas, noutras ocasiões, cenas teatrais, em todas, porém, sempre transparecia a alma mineira, como uma ilha acolhedora de expressões artísticas.

Aquelas nossas reuniões não eram tão divulgadas como as dos salões sofisticados de Paris nos séculos passados, mas também tivemos as nossas celebridades: Lúcia Machado de Almeida de mil contos, Maria José Queiroz palestrando ora em Belo Horizonte, ora na Sorbonne em Paris, Graziella Monteiro, respeitada educadora e mais tarde Vice-Presidente da AFEMIL e Anita Uxa trazendo o ar europeu na sociedade local. As obras, como frutos das reuniões, relatam para cada uma das participantes as experiências humanas, a compreensão mútua, as idéias e imagens das várias culturas por nós personalizadas.

A Academia Feminina Mineira de Letras, hoje em

seu glorioso vigésimo ano de existência, orgulha-se de estar entre as melhores e mais dinâmicas entidades femininas literárias no país. Os editores de Dicionários Literários testemunham esse elevado interesse por nossos dados pessoais. Graças às nossas presidentes dedicadas e atuantes, aos programas anuais invejáveis, às publicações regulares do jornal Palavra e da revista Literatura em Movimento, às obras coletivas, antologias trilingües e aos prêmios conquistados, as acadêmicas adquiriram auto-estima e ganharam espaço na era moderna.

O que me inspirou muito, tanto na reestruturação do nosso Estatuto, como na atuação da AFEMIL foi a Academia Húngara de Ciências e Letras, fundada no princípio do século XIX, cujo estatuto definiu as qualidades necessárias e desejáveis dos seus futuros membros, nos seguintes termos: “Serem pensadores, terem talento, intuição para ver mais longe, conceber idéias, liderar grupos e agindo assim continuarão a viver depois da morte.”

Este preceito salienta algo que existe dentro do ser humano, embora em proporções diferentes e envolve tanto elementos lógicos e objetivos, como componentes emocionais. Os frutos da criação dessas pessoas privilegiadas desabrocham na consciência e no intelecto em forma de obras que enriquecem a cultura da humanidade. Poderia se perguntar. “Era profecia? Ou a conclusão genial de um bom observador?” Não sabemos. Mas a história testemunhou que as recomendações correspondem à dimensão do acadêmico ideal que representam o alicerce sólido da estrutura das entidades científicas e literárias. Com esta herança cultural eu considero as academias de letras como palá-

cios iluminados pelas qualidades superlativas de seus membros. Em momentos, como esse, na entrada da nova confrreira, a Doutora Virgínia Torres Schall, pesquisadora respeitada, vimos a confirmar a grande satisfação por parte da nossa Academia.

Quando aceitei a honrosa tarefa de receber a Acadêmica, eleita conforme os preceitos, estava convencida de que seria uma ocasião especial. Com este intuito faço a apresentação dela e ao longo da descrição de sua vida, analisando as suas atividades e obras, o público vai se sentir, como eu, que raramente folheamos páginas tão interessantes como as do seu currículo e das suas publicações, donde destacamos apenas os dados mais marcantes sobre a sua formação sólida, tanto cultural quanto científica.

Ela, filha do casal José Reynhold Schall e Otília Torres Schall nasceu em Montes Claros, cresceu e viveu em Alvinópolis, cidade que não cansa de se orgulhar por sua eminente família.

Virgínia, desde jovem, estava interessada e dedicada às ciências. Teve seu primeiro trabalho premiado no Concurso "Jovens Cientistas" em 1975, que foi apresentado no Congresso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência em São Paulo. Fez seus estudos de graduação na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Mestrado no Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Casou-se com o Dr. Roberto Emerson de Matos Pinto e tem dois filhos: Brunah e Francisco Daniel.

Tornou-se Pesquisadora Titular da Fundação Oswaldo Cruz, abreviado FIOCRUZ, no Rio de Janeiro (1981-1998), onde fundou o Laboratório de Educação

em Ambiente e Saúde e dedicou parte do seu tempo à divulgação científica. Concebeu e organizou três coleções de livros, num total de vinte, para crianças, intituladas: Ciranda da Saúde, Ciranda do Meio Ambiente e Ciranda da Vida, que abordam de forma prazerosa questões de saúde e ambiente, promovendo o trabalho pedagógico nas escolas do ensino fundamental. Participou da criação de três jogos para adolescentes, um destinado à prevenção da Aids (Zig-Zaids, Editora Salamandra. RJ), que foi adquirido e distribuído pelo Programa Nacional de DST-Aids do Ministério da Saúde.

O outro jogo serviu para a prevenção ao uso indevido de drogas (Jogo da Onda, Editora Consultor, RJ), tendo sido adquirido pela Secretária Estadual de Saúde do Rio de Janeiro. O terceiro voltado para a divulgação das instituições culturais e científicas (Trilhas, Faperj), está sendo utilizado na rede de ensino do Rio de Janeiro.

Paralelamente terminou seu curso de doutorado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Em 1998, voltou para Belo Horizonte, como pesquisadora do Centro de Pesquisas René Rachou-Fundação Oswaldo Cruz onde criou e está chefiando o Laboratório de Educação em Saúde. Nessas atividades fecundas a nossa confrreira publicou mais de sessenta artigos em revistas científicas nacionais e uma centena em reuniões científicas.

"O volume incomum de comunicações" observou seu colega o Professor Ernest Paulini - "testemunha o envolvimento total de Virgínia nos grandes problemas sanitários brasileiros, começando com a esquistossomose e outras doenças transmissíveis".

Como educadora, por excelência, procura conhecer o comportamento e o ambiente das pessoas que sofrem dessas moléstias para descobrir os meios que possam prevenir a sua propagação. Paralelamente, ela se interessa por todos os detalhes do caminho do inimigo, isto é, dos agentes mórbidos, para incorporar estas informações no sistema educacional, cujo valor é inestimável nas campanhas de combate às doenças tropicais.

No mundo dos seus livros didáticos, especialmente daqueles sobre doenças que envolvem mal-estar e episódios consideravelmente desagradáveis, merece ser anotado que ela apresenta a sua história para as crianças de tal modo, que esses incidentes lhes sejam não só aceitáveis, mas aproveitáveis para seguir sem medo uma vida sadia. Isto acontece, quando a desgraça ocupa um local central da história, mas todos os detalhes do texto visam o interesse comum, a saúde da criança. A atenção do leitor está liberada para as aventuras e seqüências de encontros e desencontros dos protagonistas nas quais a autora pode contar com dois aliados poderosos: a mãe natural e a mãe natureza.

A presença de um adulto nos textos, como a mãe, no "A Floresta das Palavras", é importante, pois a distância entre a escritora e a leitora - que é criança - esta sendo preenchida por um mediador confiável que assegura o sucesso do livro, sendo um fator essencial.

Às vezes ela escreve toda a história em verso, como no livro intitulado "O Feitiço da Lagoa". Nele não só a narrativa prende o pequeno leitor que é o pivô do perigoso caramujo infectado, mas também a forma poética, que monopoliza o seu interesse.

No livro "O Sonho de Carlos", ela se preocupa com os recursos renováveis - a flora e a fauna - e o que ela chama de "principais inimigos" dessas: o fogo, o homem e a poluição.

Em outro fascículo - "Sem lugar na Arca de Noé" - ela apresenta um animal já extinto, contando o seu drama, incentivando o leitor estudante a procurar outras e novas informações nas bibliotecas e jardins zoológicos.

Esse esforço incansável de Virgínia para despertar a curiosidade dos jovens, transmitir conhecimentos essenciais para uma vida saudável e conscientizá-los dos perigos físicos e morais que os cercam, representa a mais louvável característica das obras. O reconhecimento público desta qualidade valiosa não tardou. Em 1991 recebeu do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), o Prêmio José Reis, de divulgação científica e no ano passado ela foi agraciada com o Prêmio Francisco de Assis Magalhães Gomes, pela Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, assim como lembramos das suas participações em bancas examinadoras de concursos públicos.

Virando a página, a escritora sente a importância da preservação da memória da ciência, onde registra episódios da vida e da obra dos cientistas da Fundação Instituto Osvaldo Cruz, sendo ela mesma um baluarte desta instituição. O livro: "Contos de Fatos - História de Manguinhos", editado em 2001 (Ed. Fiocruz), é um livro rico, não somente "em termos intelectuais", usando as palavras próprias da autora, mas é cativante também "do ponto de vista científico", apresentando as numerosas situações desafiadoras no caminho tortuoso dos pesquisadores.

A maneira como ela apresenta o seu livro “Contos de Fatos”, explica para nós – em parte – o seu encanto pelo trabalho, dizendo: “Não há coisa mais plena de que um ser humano falando daquilo que ama fazer!”

É uma obra singular, com informações certas e sólidas sobre as pesquisas e seus resultados, fornecidos pelo seus autores que foram entrevistados por Virgínia. São depoimentos, cuja essência é mostrar ao mundo o objetivo do grande interesse humanitário no combate às doenças tropicais. Encontram-se no livro eminentes estudiosos da saúde pública brasileira, como Carlos Chagas Filho, Zigman Brenner, Lobato Paraense, entre outros médicos, entomologistas e parasitologistas que adquirem relevo na obra e não correm mais o risco de serem esquecidos pelos colegas, nem pelos historiadores.

A autora consagra individualmente esses cientistas e suas visões inspiradoras e ao mesmo tempo sugere nas entrelinhas a colaboração de outros estudiosos no processo da criação. Quando o campo físico é tão amplo e complexo, como a defesa do bem-estar da população humana nas regiões tropicais, a filosofia do trabalho promove a colaboração de muitos especialistas nas ciências da vida. A tecnologia tornou-se de tal modo interligada, que uma equipe multidisciplinar não soma, mas multiplica a eficiência dos seus membros.

O espírito de equipe caracterizava os trabalhos do Centenário Instituto Oswaldo Cruz, do antigo Instituto Nacional de Endemias Rurais e de muitos outros institutos nacionais de pesquisa, conscientes do dever da responsabilidade diante da nação, que representava motivo de orgulho para todos nós. Esse livro, “Contos

de Fatos”, foi distinguido no ano passado pela União Brasileira de Escritores, com o Prêmio Alejandro Cabassa.

A nossa confreira se distingue, ao lado dos dotes científicos, uma disposição e capacidade admiráveis de comunicação em seus livros e revistas infanto-juvenis e confirma seus talentos literários poéticos em antologia, como a “Poetas de Manguinhos”. Recebeu prêmios, em concursos, da União Brasileira de Escritores em 1995 e em Belo Horizonte, da Academia Feminina Mineira de Letras em 1998 e 2000.

Acompanhando suas obras e idéias encontramos na sua expressão lírica uma surpreendente riqueza intelectual que faz merecer todos os reconhecimentos e títulos já recebidos. Em muitas pessoas esse fenômeno se manifesta pela intensidade imaginativa. A versatilidade de Virgínia é somada com estes elementos valiosos do seu intelecto. Em suas obras dominam o tempo e a eternidade por serem reflexivas nas experiências vividas durante as realizações e buscam dimensões mais amplas, entrelaçadas com a psicologia e sociologia.

A poeta, Virgínia, nos brindou, entre outros poemas excelentes, com a poesia intitulada “Na sala de Espera”, uma das escolhidas para ser analisada nesta ocasião.

Eu tomo água
como quem bebe a vida
na sala de espera.
A sala nua, estreita
... o tempo infinito.

Assim posso estar sempre
quieta e sozinha.
Trago comigo
uma felicidade intensa
um amor imenso.
Quem me faz esperar
nem imagina
quão sublime é cada instante.
A emoção lateja
a lembrança pulsa
encanta-me existir.
Voraz é o desejo
de estar presente
de apenas ser.

A sala, fria e nua.
Eu, em calor e vida
pulso livre.

Com atenção completamente voltada à abstração, ela pensa em objetos e eventos que foram privados de nós, da nossa vida, enquanto sem considerar, às vezes, as qualidades, a nossa mente se associa com símbolos que significam ausências de contentamento. Felicidade que todos anseiam. A sala de espera é a nossa existência limitada, embora “pulsa” este desejo ardente de “ser” satisfeito. No processo de abstração assistimos uma discussão que nos leva longe, num mundo de associações e conotações onde persistem as qualidades pela sinceridade da “espera”, mas mudam para a realidade da “sala fria e nua”.

O que vale a pena ser registrado neste ponto, é que esta “sala de espera” não mais nos assusta, pois a ins-

pirada autora insinua o caminho para nós ao ritmo da vida vitoriosa sobrepondo a lei da natureza humana.

Quando tentamos definir as palavras, os cenários e tudo mais que queremos destacar, descobrimos que nossa visão tradicional sobre poder, vida, amor, calor humano, não deveria ser empregada, senão junto com seu valor emocional. O que significaria o “amor” que a poeta traz consigo, se não acrescente “imenso”. Esse é o amor que ela leva coligado para a “sala, fria e nua”. Ela não precisou ser mais explícita, seus argumentos coincidem com o desejo de que o amor prevaleça no universo alheio.

A idéia de recolocar a cena várias vezes, em diferentes “instantes”, alargada pela imaginação, expande o universo poético para mais vasto, mais repleto de símbolos. Enriqueceu o amor sob a égide do seu próprio Ego. Conciliou a solidão com espírito de magnificência, poder dos poetas que exercem grande influência sobre nosso mundo íntimo.

“... A sala , fria e nua. Eu em calor e vida - pulso livre”.

Há muita diversidade nas suas expressões líricas: a complexidade do mundo visível e invisível; o impulso da língua da alma; o instinto, a memória, a imaginação, todos tratados afetuosamente por ela.

Diante do espírito poético de Virgínia Schall, que eu ainda a pouco, considere como um brinde, cria-se um sonho, no qual a vida e obra da poeta fazem parte da eternidade adquirida e isto deixa a nós acadêmicos devidamente envaidecidos.

No seu poema, “Evocação Feminina”, premiado como primeiro lugar no Concurso da Academia Feminina Mineira de Letras em 1998, ela apresenta uma visão ili-

mitada e promissora da mulher futura. Haja sucesso ou tristeza, orgulho ou lágrimas, a palavra chave é libertação. O refrão é sempre de nomes históricos consagrados, Bárbaras, Cecílias, Heliodoras...que podem coincidir com nossos nomes, olhos, estilos de escrever, mas elas estão dentro de nossa história, em nossa consciência. O que nos liga então é a ética-moral sob a égide de leis universais. As comparações e analogias com as antecessoras fazem o poema inefável:

Evocação Feminina
(de autoria da Virgínia Schall)

Minha voz
rasga véus
cortinas
de dentro
de sempre
desfaz penumbras
e acorda
Bárbaras, Cecílias, Stellas
Henriquetas, Heliodoras.

E suas vozes
em minhas palavras
alteiam,
celebram encontros
de amores tantos,
salpicam sândalos
no ar.

Sagas passadas,
chagas em sangue

vertem
e vibram,
amantes perenes
somos todas
onipresentes.
Minhas mãos
tão femininas
mãos de mulher
madura, menina
sonham
acariciam ternas
lúcidas lembranças
pedaços de dias,
franjas de ausências
melancolias.

Em suas palmas
conchas
de lágrimas oceânicas
verdejam prantos
horas molhadas
de sofrimento,
surdas, caladas.

O silêncio da solidão
é memória
reverbera
fantasias, ilusões,
onde desaguar
como abraçar
tamanha paixão?

Mãos entrelaçadas

tecem séculos
em teia
de fios farpados
prisão de anjos
eternizados
Somos etéreas
flores fugazes
pirilampos da vida
pela vida
alinhavadas.

Assim evoco
Bárbara, Cecília, Stella
Henriqueta, Heliadora
cantemos juntas
à nossa felicidade
brindemos uníssonas
à nossa liberdade!

No termo "liberdade" sente-se que quanto mais abrangente esta expressão, tanto mais efetiva a sua argumentação. O entusiasmo com o qual a poeta descreve o desejo e a luta da mulher pela felicidade, embora em termos delicados, nos convence da necessidade de apoiá-la nesse sentimento. Ao expressar o seu "leitmotiv", Virgínia cria belíssimas frases como esta:

"Somos etéreas flores fugazes,
pirilampos da vida, pela vida alinhavados."

Seus impulsos nasceram da relação lírica dos sentimentos e refletem os instantes nos quais a memória obedecendo ao intelecto expressa o supremo Bom e Belo e salva o otimismo num mundo controverso.

Neste momento de inspiração vou ler, dedicado à nova Acadêmica, o meu poema que seria o resumo da sua vida e do meu ensaio em termos sentimentais.

Fios Líricos

Nas horas passadas em seu laboratório,
como cristal, tão claro seu intelecto.
Nos tempos oferecidos à Musa,
Seu espírito os sentimentos integra.
Na ciência de ordem heurística
ela exercita cordas nêuricas.
No reino dos mitos difusos
aproxima-se de anciões impulsos.
No olhar da experiência
é o presente que tudo domina.
A criação é um momento
sem limites de espaço e tempo,
onde nascem jardins de flores
de irreais aromas e cores.
No crepúsculo dos cálculos
revezam soluções e números,
enquanto os fios líricos
comunicam com nebulosos astros
para contemplar os eventos
carregando sonhos verde-amarelos.
Uma fonte invisível, nítida ressoa
Pensamento-Visão nela Vigora!

com carinho,
Lívia Paulini

Literatura consultada

-“Razões do Existir” – Coletânea de Poemas, V.T. Schall, 2003

-“Histórias da Medicina Tropical no Brasil-História, Ciências, Saúde- Manguinhos, 10 (1), 2003, Ed. FIOCRUZ, Rio de Janeiro.

- “Contos de Fatos” – História de Manguinhos – de V.T. Schall, 206 pg. Ed. FIOCRUZ, 2001, Rio de Janeiro.

-“A Floresta das Palavras- de V.T.Schall, Ed.Antares, 1987, Rio de Janeiro.

- “O Feitiço da Lagoa – de V.T. Schall, Ed. Antares, 1986, Rio de Janeiro.

- “Carvãozinho – de V. T. Schall, Ed. Comunicação, 1984. Belo Horizonte.

-“Knowledge of Forest... de Mendes C.L.S. & Schall V. T. Ciência e Cultura, 47 (1), 1995.

-“Ciências – Livro do Aluno – vol. N.º 1: “O Sonho de Carlos” e “Sem lugar na Arca de Noé”, - de V.T. Schall, Ed. FIOCRUZ, 1994.

- “Ciências – Livro do Aluno – VOL. N.º 2. “Mistério da Caverna de Luz”, “Segredos que Nascem” e “Vida, viagem infinita”, de V.T. Schall, Ed. FIOCRUZ, 1994.

-“Information and Education in Schistosomiasis Control – de V. T. Schall, na Mem. Inst. Oswaldo Cruz, vol.96, ano 2001.



Nelly Jardim com amigas, de blusa branca, à direita.

Discurso de Posse

Academia Feminina Mineira de Letras
Virgínia Schall

Estar aqui esta noite é um privilégio. Cercada de amigos, colegas, familiares, congreiras, tantas pessoas queridas, em um ambiente que transpira e inspira uma das expressões mais plenas da criação humana, a palavra: a qual nos torna um pouco deuses, criadores e criaturas, inventando o nosso próprio enredo neste vasto universo.

É também um privilégio ocupar a cadeira 25, que promove o meu encontro com Maria Nelly Lajes Jardim, psicóloga, professora, escritora e poeta. Em sua obra encontro uma “ponte de arco-íris” a nos ligar, em trama que supera a vida e imanta a transcendência de almas que comungam sensibilidades semelhantes. Em um de seus livros: “Relva do Tempo”, o poema “A Cidade de Asgard” espelha o seu mundo de indagações, as quais compartilho e aqui expresso:

Quero passar na ponte
Do arco-íris – passagem mítica
Para chegar à morada dos deuses
-A cidade de Asgard

Quero encontrar algo
Fora de mim mesma.
-Sair do meu mundo
do senso comum
que me prende às parcelas
cósmicas das vontades...

Quero ir à procura do Graal.
Visitar lugares sagrados
Roma, Jerusalém.
Encontrar a cidade de Asgard
Das lendas nórdicas.

Quero enfrentar as procelas.
Ver e escutar algo divergente
Dos meus atos terra-a-terra
-não só da minha crença...

Quero sentir as coisas sagradas
Que sei estarem além de mim
E das realidades palpáveis.

Esta busca infundável de saber e de sentir algo sempre novo, algo para além da realidade dada, é impulso permanente, que encontro na obra de Nelly e que motiva a minha própria trajetória, seja na ciência, na literatura e na arte. Tal como expressou Nelly, em seu discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, aqui “venho satisfazer a minha sede de conhecimentos, a minha curiosidade dos mistérios que nos cercam, dos segredos do magnífico cosmos em que habitamos.” Ainda parafraseando Nelly, estar na Academia é uma oportunidade ímpar de comparti-

lhar saberes no convívio com esta comunidade que congrega escritoras de vastas leituras e profundas reflexões. Mulheres que abrem espaço para as conquistas e redimensionamento do mundo feminino. Assim, é com esta dimensão que venho ocupar essa vaga, consciente da advertência feita por Machado de Assis, de que o inimigo das academias é o academicismo, como bem lembrou Ana Maria Machado em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, há um mês atrás. Como ela, incluo aqui a sábia advertência de Machado: “Devemos entrar para as academias, com tanto que elas não entrem em nós”. E a elas Machado confere o objetivo principal de defesa da memória e da cultura dos povos. Como argumenta: “As academias são como as armas. Só devem ser utilizadas em defesa. Em defesa, antes de tudo, do patrimônio cultural de um povo. Devem representar a memória estética, histórica e intelectual da nacionalidade. A oposição entre gerações faz parte essencial do dinamismo mais sadio dos povos. O choque entre gostos e escolas estéticas, por sua vez, é que alimenta a força criadora das vocações intelectuais. Daí ser o sarcasmo antiacadêmico um dos sinais mais sadios da Inteligentzia nacional. (...) É bom que assim seja, pois não há nada mais estimulante do que o epigrama para punir a mediocridade e a vaidade, que são sempre os demônios mais insidiosos das instituições acadêmicas. Ai de nós, porém, se não houver quem preserve os tesouros intelectuais do passado contra a fúria iconoclasta do presente”.

E aqui reforço o valor desta Academia Feminina, que nasce em defesa do espaço de expressão da mu-

lher, bem como da preservação da produção intelectual do nosso gênero, ainda hoje requerendo lutas e espaços. Assim, evoco as características que fazem dessa cadeira 25 um encontro entre 4 mulheres que têm em comum a afirmação da linguagem lírica feminina, que irradia a liberdade almejada, e o sonho de um encontro pleno entre os mundos do homem e da mulher, preservando as suas diferenças e identidades, importante contraponto que os mantém como polos atraentes, encontro que deve superar quaisquer traços de exclusão e afirmar as virtudes de cada um à mesma altura. A começar pela patrona da cadeira, Agenita Ameno, de quem obtive apenas informações orais, através das quais distingue-se a sua luta pelo espaço feminino em Divinópolis. Recentemente, fui em busca de sua obra. Recorri às confradeiras, vasculhei as bibliotecas da Academia. Em visita a José Afrânio Moreira Duarte, procuramos em várias enciclopédias e dicionários de literatura, incluindo o exclusivo de mulheres escritoras, como o de Nelly Novaes Coelho, mas nada. Através da internet, a surpresa: deparei-me com uma homônima, sua neta, também Agenita Ameno, mantendo viva a chama da literatura e dos ideais da avó. Em seus livros: “A função social dos amantes” e “Crítica à Tólice Feminina”, esta socióloga, escritora, funcionária pública, mãe e esposa, tece reflexões sobre questões existenciais do gênero feminino, o qual, como conclui, “quando revestido de visão crítica, é capaz de “salvar” o mundo. Agenita Ameno, a avó, foi escolhida patrona pela primeira ocupante desta cadeira 25, a escritora Edite Silva, nascida em São João Del’Rei, mas moradora desde jovem da cidade de Divinópolis. Sua biografia atesta a dedicação à literatura por mais de

50 anos, tendo recebido numerosos troféus, diplomas e honrarias. Ardorosa defensora dos direitos femininos, seu poema intitulado “Mulher”, enaltece o valor desta que dá vida à casa, à música, à arte e que tem, por essência, a marca do acolhimento de todos que estão à sua volta. Num trecho do poema, ironiza a criação de datas alusivas à mulher, a qual deve ter seu espaço garantido todo o tempo. Como escreve:

“...Você é mulher todo o ano!
Você é você, com seu encanto,
Dia internacional, não!
Você é do sempre, da luta, do grito.
É que o seu coração
É muito maior que o infinito!”

Em Nelly, o mundo feminino está presente em 13 livros, editados entre 1987 e 2001. Aqui faço uma pausa para apresentar as imagens da escritora e de sua obra. Imagens de sua juventude no vale do Jequitinhonha, sentada com amigas em meio às cebolinhas, flores silvestres que recobrem o vale depois da longa estiagem e após as primeiras chuvas, como me contou emocionado o Dr. Écio, seu marido por 54 anos. Aqui vemos Nelly em dois momentos de sua vida, no dia de sua posse na Academia Feminina Mineira de Letras, na posse no Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, entre os filhos, entre as acadêmicas. A seguir vemos as capas de seus 12 livros, o primeiro editado em 1987: “Por que mares navega o meu vento?” “Cristais de Sonhos”, 1992, “O Vale e a Vida” de 1998, em 2 volumes: “História do Jequitinhonha” (memória em prosa poética) e “O Romanceiro de Jequitinhonha” (poema histó-

rico sobre o vale e sobre a sua família). Tais livros receberam o Prêmio Alejandro José Cabaça da União Brasileira de Escritores/RJ em 2001. Neste último, como afirma Livia Paulini, “o leitor desfruta o perfume das flores, sente a vibração do arco-íris, o doce canto dos pássaros, a harmonia das vozes internas, o murmúrio das musas no espaço fecundo e segue as luzes longínquas da esperança infinda”. Segue-se “Na Relva do Tempo”, “Tarde” e “Varandas, Flores e Estrelas”, os três de 1999, poemas repletos de religiosidade e amor, como afirmou Nivia Nohmi, em seu prefácio. Em três outros livros, Nelly nos leva em viagem a Portugal (Ode a Portugal: História dos reis de Portugal), a Espanha e Marrocos (Memórias de uma viagem) e ao Egito: “Pirâmides – Esfinge”. Seus últimos livros, de 2001, “Laços do Tempo”, “Os Três Soluços” e “Calendas e Idos”, confirmam a sua força criadora, tão bem apreciada por Carmen Schneider Guimarães. Como expressa Carmen: “Nelly corporifica vitrines existenciais, no doce milagre da flor tátil, ao mesmo tempo em que explora mundos siderais de lirismo, intangíveis.

Dos rios e dos vales, da argila e das barrancas de uns sertões, recolheu a poeta um barro de fortalecimento. Na correnteza do rio irrigou-se para a nascente poética de sua arte. Da gente, do ar, do falar e dizer sertanejo, buscou a voz de seu canto forte. Laborou a palavra certa no argumento perfeito das gerais adultas. Fabricou a pureza do verso na solidez de um tempero vernacular soberbo.”

E como nos conta Nelly: “... só muito tarde acordei para realizar o meu sonho de escrever e incorporar na estrutura do meu psiquismo os fatos novos, embora já

velhos no meu pensar. Com deleite viajo agora no tempo para colocar no papel o que vivi, os meus pensamentos, as minhas opiniões...” Se para ela pareceu tarde, a sua escrita se nos apresenta eivada de força e juventude, respirando os mistérios da infância, como nos dois volumes intitulados: “O Vale e a Vida- História do Jequitinhonha” e “O Romanceiro do Jequitinhonha”. Aqui encontramos a menina nascida em Itinga, na época pertencente ao Município de Araçuaí, assim como suas memórias da família e de cidades próximas, onde também viveu. Em seu Romanceiro, no Poema: “Por onde Vagueia o meu coração”, Nelly confidencia:

Eu nasci vendo as cachoeiras
Não tive a brisa do mar
Nem as ondas, nem marés.
Só sabia das sereias
Pelas histórias contadas
Naqueles contos de fadas
Em livros, revistas lidas
Pela criança tão ávida
De conhecer os mistérios.

Ao longo do livro, vou comungando com ela memórias da infância, sonhos, ideologias, preocupações, amores, na trama do mundo feminino. Revivo-me menina, a conviver com mãe e avó mineiras, quais mulheres ancestrais, trazendo de tochas longínquas a luz que ora ilumina o meu caminho. Mulheres que escreveram e escrevem a história da evolução do mundo feminino no último século, reflexo do contexto mundial e retrato do cenário das nossas Minas Gerais. A fantasia das

páginas irradiava-se na vida, nas histórias religiosas e fantasmas da quaresma, nas lendas contadas à beira do fogão no escuro da noite nas fazendas ou nas calçadas das pequenas cidades mal iluminadas durante poucas horas pelo lampião. Noites pontilhadas de milhares de estrelas e povoadas de vultos imaginários. A leitura de Nelly vai reacendendo memórias e eu me recordo do tio que repetia trechos de Schopenhauer de cor, louco para muitos; para mim, fonte de inspiração para explorar a obra do autor. O avô cientista amador, colecionando animais que enviava ao Butantã. Médico e veterinário prático, atendendo a males e partos de animais e mulheres da redondeza. Farmacêutico homeopata, cultivando ervas medicinais, preparando unguentos e poções que traziam alívio aos doentes desassistidos dos rincões distantes. O agricultor experimental, testando hibridações e cultivos em misturas de solos e diferentes luas, que o levaram a ganhar diversos prêmios na Semana do Fazendeiro na Universidade de Viçosa, onde tornou-se professor de aulas práticas para universitários, sem ter cursado qualquer escola. Avô que não conheci, mas que aprendi a amar desde a mais remota infância, através das histórias familiares e que pude retratar em tela a óleo com admiração e emoção tamanha que provocou lágrimas em alguns dos filhos ao vê-lo a cores, ali tão presente. Inspirações, lembranças, memórias, tudo isso é evocado em momentos como esse, de lembrar trajetórias e destinos. E a paisagem mineira que recorta o nosso âmago, se nos faz encimesmados entre as linhas sinuosas de montanhas sobrepostas, nos faz também curiosos, cheios de imaginação sobre o que haverá do outro lado. O que não se vê se quer adivinhar, e o

exercício da adivinhação é estímulo à fantasia, à fabulação, nos enriquecendo de idéias, imagens, sonhos. E são tantas heranças se cruzando, avô alemão, bisavó francesa, tataravô inglês, muitos portugueses e índios, numa miscigenação que imprime respeito à diversidade, compreensão pelos limites, questionamento de preconceitos. E nos faz refletir sobre o rumo do mundo globalizado, sobre as categorias de divisão entre países desenvolvidos, em desenvolvimento e subdesenvolvidos. Categorias artificiais em que conta um Índice de desenvolvimento humano aferido por critérios sócio-econômicos, importantes sim, mas não suficientes. As classificações de mundo rico, de sociedades abastadas, deixam distante a concepção de desenvolvimento humano, se as pensamos do ponto de vista humanista. O que temos visto entre algumas destas ditas nações desenvolvidas? A competição gananciosa em lugar da compreensão e da solidariedade, a exclusão em lugar do acolhimento, a arrogância, a soberba, a concentração de riquezas, o autoritarismo, a imposição pela força sem respeito à soberania dos povos, o sectarismo. Enfim, há muito por caminhar, há muito por aprender e redefinir. E a sensibilidade feminina pode aqui muito contribuir. A sensibilidade que Nelly soube expressar desde o seu primeiro livro: "Por que mares navega o meu vento?" o qual motivou um poema de Auxiliadora Lago, em homenagem póstuma que é uma verdadeira síntese da obra da autora, da sua admiração pela vida e pela vasta paisagem terrestre, da sua religiosidade. Se mais tempo houvesse aqui teceria em polifonia de vozes, todas as homenagens das confradeiras a Nelly, que tecem poeticamente o carinho e admiração que sua obra merece: Maria da Con-

ceição Piló, Antônia Rodrigues Sá, Regina Almeida, Elizabeth Rennó, Cely Vilhena, Maria Laura Couy, Livia Paulini, Carmen Schneider e Maria Auxiliadora, acima referidas.

Entretanto, o tempo avança e eu preciso terminar. Finalizo então, estendendo a homenagem a Nelly a pessoas que têm sido verdadeiros impulsionadores de meu caminho literário: José Afrânio Moreira Duarte, conterrâneo querido, divulgador abnegado da literatura, que me estimulou a participar de concursos literários, e aos prêmios que iniciaram a divulgar a minha produção. A ele, Stella Leonardos, Livia Paulini, a minha mãe, minha avó materna, minhas 4 irmãs, meu marido, filhos, agradeço sempre.

E concluindo não poderia deixar de dedicar um poema ao Dr. Écio Jardim, a quem conheci agora, e que me fez compreender a plenitude de um encontro amoroso que perpassou 54 anos e que hoje derramasse em saudade. Saudade que fez Lya Luft escrever e que me faz dedicar a ele este poema:

Foram-se os amores que tive
Ou me tiveram:
Partiram
Num cortejo silencioso e iluminado.
O tempo me ensinou
A não acreditar demais na morte
Nem desistir da vida: cultivo
Alegrias num jardim
Onde estamos eu, os sonhos idos,
Os velhos amores e segredos.

E a esperança - que rebrilha
Como pedrinhas de cor entre as raízes.

E assim, é com esperança que eu gostaria de encerrar a minha fala, esperança que Nelly nos deixou em seu último livro: Calendas e Idos, da série "O Vale e a Vida". Esperança que nos faz continuar em movimento e viver em plenitude cada dia que recebemos de presente.

Ouçamos Nelly:

As brisas plissam as águas
As tormentas revolvem as vagas.
As nuvens plúmbeas
Derramam pérolas argêntneas
Sobre o mar bravio.

A vida volta ao que era.
Sempre renascendo...
Qual primavera!
Qual Fênix!

Esta obra foi produzida em Belo Horizonte, em dois mil e nove, pela editora O LUTADOR.
A composição empregou a tipografia Lucida Sans e Architecture. O papel utilizado foi Polém 115 g/m² (miolo) e Arte Premiun 250 g/m² (capa).